

## SOBREVIVÊNCIAS ROMÂNTICAS NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA E CECÍLIA MEIRELES

Silvia Helena Miguel Trevisan

Se na poesia moderna projetam-se todas as dispersões do “eu” e da alma, em direção ao mundo do desejo e da utopia, se, na poesia moderna a dimensão do “eu” contido pela lógica, liberta-se através do poema, sendo, portanto, o poema um espaço possível de liberdade, é porque o Romantismo abriu caminho para tal. Na mesma fonte de princípios onde beberam os românticos no século XIX, inspiraram-se, também, Florbela Espanca e Cecília Meireles.

Desse modo, Florbela Espanca constrói os seus sonetos em torno do grande tema que é o amor, tema da poesia portuguesa desde a lírica trovadoresca, passando pela concepção de amor contida em Camões: *“Transforma-se o amador na coisa amada”*, perpassando pelos românticos como Garrett, João de Deus, Soares de Passos e alcançando os simbolistas.

Maria Lúcia Dal Farra<sup>1</sup> considera: *“a obra poética de Florbela, uma bíblia de iniciação amorosa feminina, uma espécie das vicissitudes sentimentais da mulher”*.

Vejamos o soneto “Amar!”, inserido em *Charneca em Flor* (p. 137):

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder...pra me encontrar...

---

<sup>1</sup> In: ESPANCA, Florbela. *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 39

Neste soneto, surge a idéia de que amar é um risco que tem que ser corrido é um jogo perigoso, porém inevitável. A poetisa se mostra apaixonada por todos e por ninguém, é preciso viver o amor intensamente na oportunidade em que ele se apresenta. No segundo quarteto, a poetisa afirma que é impossível amar a vida toda.

Essa disposição para o amor querendo amar perdidamente, explica-se também pelo fato de ela ser uma pessoa especial, ela é poeta, é mais do que os homens comuns.

É preciso considerar que o amor faz parte da tradição literária portuguesa e geralmente o português é tido como homem sentimental, galanteador, apaixonadíssimo e vítima da obsessão amorosa.

E não podemos esquecer que a afetividade portuguesa já se revela nos Cancioneiros Medievais. O amor provençal é reflexo da obsessão amorosa. Rodrigues Lapa o define como: *“Súplica apaixonadamente triste, voz que vem dos longes da alma”*.

Esta súplica apaixonadamente triste, esta voz que vem dos longes da alma aparece nos românticos como João de Deus e Soares de Passos, alcançando a sensibilidade de Florbela Espanca.

Já na Literatura Brasileira, o assunto amoroso aparece desde os tempos mais remotos, desde o amor divino da Arte Jesuítica, perpassando pelo barroquismo de Gregório de Matos e alcançando os românticos. A poesia deste período vai refletir os insucessos e as incorrespondências sentimentais. O poeta mergulha na melancolia e na aceitação passiva de sua infelicidade. Em torno de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu surge a poesia lírica que cultiva os temas do amor, da saudade e do sofrimento amoroso. Com Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Junqueira Freire, o lirismo encaminha-se para o tédio byroniano, o desalento perante a vida, a ânsia dolorosa de chegar à morte o mais cedo possível e a inutilidade das coisas.

No lirismo de Cecília Meireles exibe-se um painel temático em que se sobressai o tema do amor. A poetisa cumpre, desse modo, o preceito dos espiritualistas quando reclamavam para a renovação de nossas letras, encadeamento com a tradição, sustentáculo filosófico e intenção de universalidade.

Cecília vê no espetáculo do mundo algo digno de contemplação, de amor, portanto. Nas palavras de Darcy Damasceno<sup>2</sup>:

O conjunto de seres e coisas que latejam, crescem, brilham, gravitam, se multiplicam e morrem, num constante fluir, perecer ou renovar-se e, impressionando-nos os sentidos, configuram a realidade física, é gozosamente apreendido por Cecília Meireles que vê no espetáculo do mundo algo digno de contemplação, de amor, portanto. Inventariar as coisas, descrevê-las, nomeá-las, realçar-lhes as linhas, a cor, distingui-las em gamas olfativas, auditivas, táteis, saber-lhes o gosto específico, eis a tarefa para a qual adentra e afirma os sentidos, penhorando ao real sua fidelidade. Esta, por sua vez, solicita o testemunho amoroso, já que o mundo é aprazível aos sentidos e a melhor maneira de testemunhá-la é fazer do mundo matéria de puro canto, apreendendo-o em sua inexorável mutação e eternizando a beleza perecível que o ilumina e se consome.

No poema “Lamento da Noiva do Soldado” (*Mar Absoluto e Outros Poemas*, p. 288-9), temos o amor ausente. Trata-se de um modelo amoroso que provém das Cantigas Trovadorescas Medievais. É o tema do amor ausente, ou seja, o encanto ou deleite que a ausência da pessoa amada provoca e cuja distância permite apenas desejar o ser amado através da fantasia, da imaginação. Esse amor longínquo, muitas vezes traduzido pelo devaneio, pelo sonho, pelo inalcançável está presente também nos românticos brasileiros. Como no poema “Predestinação” de Fagundes Varela.<sup>3</sup>

Sonhei contigo quando a flor da vida  
Se abria aos poucos em meu frágil peito  
Quando em quimeras me perdia errante,  
Quando de prantos orvalhava o leito!

É este amor ausente que aparece no poema ceciliano intitulado “Lamento da Noiva do Soldado”:

<sup>2</sup> “Poesia do Sensível e do Imaginário” in *Cecília Meireles, Obra Completa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1994, p. 28.

<sup>3</sup> CITELLI, Adilson: *O Romantismo*. São Paulo: Ática, 1986, p. 81.

Como posso ficar nesta casa perdida,  
neste mundo da noite,  
sem ti?

Ontem falava a tua boca à minha boca...  
E agora que farei,  
sem saber mais de ti!

Pensavam que eu vivesse por meu corpo e minha alma!  
Todos os olhos são de cegos... Eu vivia  
unicamente de ti!

Teus olhos, que me viram, como podem ser fechados?  
Aonde foste, que não me chamas, não me pedes,  
como serei agora, sem ti?

Cai neve nos teus pés, no teu peito, no teu  
coração... Longe e solitário... Neve, neve...  
E eu ferve em lágrimas, aqui!

O eu lírico vai, neste poema, empreender um lamento de amor, em memória do ser amado, caracterizando o “Treno” (do grego, trênos, lamentação).

Esse lamento do amor infeliz, entre as vicissitudes causadas pela ausência do ser amado, nos fala da melancolia gerada pela não presença do ser amado (mundo da morte), da alternância das sensações – onde o amor leva a amante a passar do êxtase do amor (ontem falava a tua boca à minha boca), à ausência total do ser amado (e agora que farei/ sem saber mais de ti!).

O paradoxo contido no terceiro terceto: “Todos os olhos são de cegos” revela que estavam iludidos os que pensavam que ela vivesse por seu corpo e sua alma. O que se revela neste terceto é um amor abnegado e submisso: “Eu vivia unicamente de ti”. Ademais, aparece neste terceto a dualidade conflitante entre corpo e alma, expressa pela poesia desde a sua origem. Dualidade que será definitivamente consagrada pela poética amorosa a partir do Renascimento (nas vozes de Petrarca, Dante, Camões) e consagrada no século XVI, no Concílio de Trento, pelo dogma do interdito ao corpo, ao sexo fora do casamento e da intenção de procriação.

Este dogma que proibiu a fruição do corpo e supervalorizou o amor espiritual foi consagrado pelo Romantismo e atravessou os séculos absolutamente intocável, acabando por se tornar a base do mais forte alicerce da sociedade tradicional: a família (embasada na mulher, na sua honra e total submissão ao homem). Existe, portanto, um devotamento ao ser amado.

Além disso, existe também o desalento perante a perda do amor, que nos é comunicado no quarto quarteto, através da pergunta que se configura pela construção sinestésica: “Teus olhos que me viram como podem ser fechados?” Este desalento é intensificado por outra interrogação: “Aonde foste que não me chamas, não me pedes,/ como serei agora, sem ti?”

No último terceto, as idéias se desenvolvem em termos de oposições, de jogos de contrários, caracterizando a antítese: “No coração longe e solitário do ser amado caí a neve enquanto o eu lírico ferve em lágrimas”.

O poema nos revela que quem sofre os ataques do amor deve possuir as mesmas qualidades de quem vai à guerra, já que o amor é também chama, força aniquiladora que faz a amada ferver em lágrimas.

Para Florbela, o amor é também chama, força aniquiladora, “febre ansiosa”, como nesse verso do soneto “Charneca em Flor”: “Olhos a arder em êxtases de amor” (p. 113), ou nos seguintes versos do soneto “Interrogação” (*Charneca em Flor*, p. 142), onde a dor de amor é fogueira a esbrasear que consome: “Visões de mundos novos, de infinitos,/ Cadências de soluços e de gritos,/ Fogueira a esbrasear que me consome!”

Todavia, seja através da antítese ou de outras figuras de linguagem, a poesia romântica fixa no tema amoroso um dos seus mais significativos pilares. Esse amor é inerente à tradição lírica portuguesa, encontrou no Romantismo europeu o alicerce para se consolidar e aparece em Portugal na poesia de Garrett e Soares de Passos, sobrevivendo na poesia de Florbela Espanca. Amor que perpassou pelos românticos portugueses, refletindo suas imagens no

Romantismo brasileiro como em Álvares de Azevedo e configurando-se também no poema ceciliano.

Além de abraçar a temática amorosa, o Romantismo trabalhou determinantemente com a valorização da morte. Na ânsia de se afastar do mundo, incompleto e desajustado, o romântico opta pela morte como algo glorioso, gesto definitivo e radical. É o que ocorre na poesia lírica de Florbela e Cecília.

E se a poesia lírica é essencialmente subjetiva e o Romantismo exacerba o individualismo em Florbela e Cecília, líricas e românticas, o leitor é tentado a entender a obra e a vida de tal forma uma e outra parecem entretecerem-se.

A propósito da analogia de obra e vida, pode-se evocar de passagem, aspectos biográficos que parecem aflorar nos poemas. A morte marcou a vida destas poetisas. A mãe de Florbela morreu de “Nevrose”, o irmão desapareceu num vôo de treino mergulhando no Tejo. E diz Florbela: “*Esse horror arrasou-me, esfacelou-me*”. Cecília perdeu os pais, os três irmãos e foi criada pela avó. A ausência dos pais repercutiu profundamente no espírito da poetisa. Diz Cecília:

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram desde pequenina uma tal intimidade com a morte que docemente aprendi essas relações entre o efêmero e o eterno que, para outros constituem aprendizagem dolorosa e por vezes, cheia de violências.

Posto isto, além do tema de preferência romântica como o amor, a morte também constitui uma Sobrevivência Romântica na obra destas poetisas. Diz Florbela:

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)  
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...”  
Responde a minha Dor: “Que linda a cova!”

(*Livro de Mágoas*, soneto “Dizeres íntimos”, p.45)

Diz Cecília:

\_ itinerários antigos,  
que nem Deus nunca mais leva.  
Silêncio grande e sozinho,  
todo amassado com treva,

onde os nossos olhos giram  
quando o ar da morte se eleva.

(*Viagem* – poema “Excursão”, p. 111-2)

Observe-se como nas palavras de Novalis<sup>4</sup>: “*A morte é o princípio romantizador da vida. A morte é a vida. A vida é revigorada pela morte*”.

O valor metafísico da morte, para o romântico, está no poder que ela tem de afastá-lo definitivamente do seio de uma realidade que lhe é adversa. Para Hegel, negar a existência e desejar ardentemente a transcendência através da morte é o único ideal que resta ao homem para escapar do aniquilamento completo e irreversível.

O desejo da morte foi o ideal estético e existencial de grande parte da geração romântica. Este tema advém do mal estar que o indivíduo sente junto à sociedade. É o “mal du siècle”, a doença que atinge os românticos, provoca a perda das forças e entedia a vida. Na verdade, o “mal du siècle” exprime o cansaço e a frustração resultante da impossibilidade de realizar o absoluto.

Esta postura romântica aflora também nos poemas florbiliano e ceciliano, ora exemplificados, onde a morte liberta o indivíduo do mundo e, por isso, permite-lhe reencontrar-se com os valores espirituais.

Ademais, para o romântico a morte representa a fuga desse “vale de lágrimas” que é a terra. E aí se configura outro tema romântico, a melancolia, presente na obra de Florbela e Cecília.

Chateaubriand<sup>5</sup> em “*O Gênio do Cristianismo*” vai falar sobre a melancolia dizendo:

Falta falar de um estado de alma que, segundo nos parece, ainda não foi devidamente observado: é aquele que precede o desenvolvimento das paixões, quando as nossas faculdades, vigorosas, ativas, intactas, mas reprimidas se exercem sobre si mesmas, sem finalidade nem propósito. Quanto mais os povos avançam na civilização, mais este estado de melancolia das paixões aumenta,

<sup>4</sup> GOMES, Álvaro e VECHI, Carlos Alberto. *A Estética Romântica: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1992, p.55.

<sup>5</sup> *Apud* GOMES, Álvaro e VECHI, Carlos Alberto. *A Estética Romântica: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1992, p. 68.

porque acontece então uma coisa lamentável: o grande número de exemplos que se oferecem, a enorme quantidade de livros que tratam do homem e dos seus sentimentos proporcionam conhecimento, mas não experiência”.

Florbela expressará a melancolia peculiar aos românticos dizendo no soneto “Tédio” (*Livro de Mágoas*, p.62):

Que diga o mundo e a gente o que quiser!  
- O que é que isso me faz? O que me importa?  
O frio que trago dentro gela e corta  
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que me importa?! Essa tristeza  
É menos dor intensa que frieza,  
É um tédio profundo de viver!

Essa tristeza, ou seja, o frio que a poetisa traz dentro de si decorre da sua esterilidade, da incapacidade de dar à luz, já que ela nunca conseguiu ter filhos.

No quarteto seguinte, a poetisa diz que a sua tristeza é um tédio profundo de viver. Portanto, Florbela traz duas tristezas dentro de si: a tristeza de ser estéril e a tristeza de viver. A pessoa triste é alguém sem alegria, infeliz, lastimosa, isto é, cheia de melancolia.

Esta melancolia também está presente no poema ceciliano “Atitude” (*Viagem*, p. 136):

Minha esperança perdeu seu nome...  
Fechei meu sonho, para chamá-la.  
A tristeza transfigurou-me  
como o luar que entra numa sala.

Nestes versos, a poetisa expressa uma tristeza e melancolia profundas, configurando-as no mundo da sombra e da melancolia. É o sol negro da melancolia tal como aparece no poema “El Desdichado” do poeta romântico francês Gerard de Nerval (1808-1855). A primeira estrofe do poema de Nerval diz assim:

Sou o tenebroso, o viúvo, o inconsolado  
O príncipe na torre abolida da Aquitânia;  
Morta minh’única estrela, meu alaúde constelado  
Porta o sol negro da melancolia <sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> KRISTEVA, Júlia. *Sol Negro, Depressão e Melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 131.



De acordo com as tradições, o sol negro é uma pré-representação do desencadeamento das forças destrutivas no universo, numa sociedade ou num indivíduo. É o prenúncio da catástrofe, do sofrimento e da morte, pois é a imagem invertida do sol no seu zênite.

Para Nerval, a melancolia é um sol negro enquanto a tristeza ceciliana se compara ao luar que entra numa sala. É o mundo da sombra, da melancolia e da tristeza que se revela tanto no poeta romântico francês como em Cecília.

Concluindo, podemos dizer que as temáticas do amor, da morte e da melancolia constituem *Sobrevivências Românticas* na poesia de Florbela Espanca e Cecília Meireles.

## **BIBLIOGRAFIA**

**CITELLI**, Adilson - *Romantismo*, São Paulo: Ática, 1986.

**COELHO**, Jacinto do Prado - *Dicionário de Literatura*, Figueirinhas/ Porto: Cia José Aguilar Editora, 1973.

**ESPANCA, Florbela** - *Poemas de Florbela Espanca*, estudo introdutório, org. e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**GOMES**, Álvaro e **VECHI**, Carlos Alberto - *A Estética Romântica: textos doutrinários comentados*, São Paulo: Atlas, 1992.

**KRISTEVA**, Júlia - *Sol Negro, depressão e melancolia*, Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

**LAPA, M. Rodrigues** - *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

**MEIRELES, Cecília** - *Poesia completa*, v. único, 4ª Edição, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.